

Roberto Campos

[para o volume “Brasileiros: bons exemplos para tempos difíceis” organizado por José Roberto Castro Neves e Jorge Oakim, Rio de Janeiro, Intrínseca, 2019]

Meu caro Roberto,

Faz tempo que penso em lhe escrever, e aí se misturam saudades, curiosidade sobre o que você está vendo e sobre seus conselhos, mas tudo isso se tornou mais urgente pois se converteu, infelizmente, em um pedido de socorro.

Você não faz ideia do que se passou por aqui desde que você nos deixou em outubro de 2001. É uma bizarrice atrás de outra, como se tivéssemos sempre que consertar um desatino com outro, maior ainda, na direção contrária.

O desespero talvez se explique pela horrorosa sensação de ficar para trás, de ver os meninos irem estudar no exterior e ficarem por lá, e de ver tanta gente indo morar em Portugal e achando bom.

A estagnação é um fato. Por ora, sustamos a piora, estabilizamos a doença, mas não estamos conseguindo reverter.

Estamos parados em 25% de renda per capita americana há três décadas e perdendo o fôlego e o ânimo. Comemoramos 25 anos do Plano Real, que, como você acompanhou, nos tirou das drogas pesadas, mas as mudanças pararam por aí. Na sua “Lanterna na Popa”, de 1994, você elogiou o plano mas deixou registrado que a “viabilidade a médio prazo, passada a mágica inicial da mudança de moeda, ... dependerá de três reformas estruturais: reforma fiscal simplificadora ... , reforma da previdência social ... e reformatação do Estado”. (p. 1278)

Pois é.

Eu sei que você não ficará surpreso se eu lhe disser que continuamos enclacrados com essas reformas, com alguns progressos parciais apenas.

Também não preciso lhe explicar que, no Brasil, nós continuamos a achar que as leis econômicas não valem pra nós, nem mesmo as partidas dobradas¹. Você precisava ter visto a professora que dizia que não tinha déficit na Previdência, bem como os truques inventados pelos tribunais de contas estaduais para burlar a Lei de Responsabilidade Fiscal. Pior que tudo isso foi o governo federal, sob Dilma Rousseff, que perpetrava ilegalidades honestas, sem preocupação de guardar as aparências e de homenagear sequer o espírito da norma desobedecida. Era o caso de uma síndrome, ainda à procura de melhor definição, pelo qual o portador desfruta de uma superioridade moral autoconferida que o conduz a ignorar leis e regulamentos (da economia e da física) aos quais se recusa a submeter-se.

Você sabe como sou fã do seu livro sobre a predileção brasileira pela medicina alternativa e pelas heterodoxias em economia – “As Leis do Kafka” (uma espécie de “freakonomics” à frente de seu tempo) que eu tive a alegria de republicar e ampliar², inclusive em razão da minha convicção de que, na sua ausência, a doença piorou.

*

Vamos às novidades:

Você vai achar que estou brincando se eu lhe contar que o PT ganhou em 2002 e nas três eleições que se seguiram. Dos 6087 dias decorridos entre primeiro de janeiro de 2003, quando Lula primeiro assumiu a presidência até a data desta nossa correspondência (1 de setembro de 2019), o PT governou durante 4991 dias (82% do tempo), e o tempo restante pode ser dividido entre dois presidentes que foram colegas seus, também deputados federais, na 50ª Legislatura (1991-94): Michel Temer (853 dias) e Jair Bolsonaro (243 dias e contando). Dureza, hein?

Duvido que você pudesse adivinhar e não sei o que é mais surpreendente: a longa duração da hegemonia petista, ou as identidades dos dois outros presidentes não petistas posteriores (ambos comandando vastas legiões de admiradores).

¹ Lembra da “lei do Limite Geográfico da Lógica”: Por ter sido inventada pelos gregos do hemisfério Norte a lógica não tem validade no hemisfério Sul.

² Gustavo H B Franco “As Leis secretas da Economia”, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, que estendia “uma reformulação das leis do Kafka” publicado em 1976 em A técnica e o riso, Rio de Janeiro, APEC Editora, 1976.

Lembro do que passava na sua cabeça pouco antes de deixar esse mundo, quando José Serra se preparava para suceder FHC. Os tucanos mais à esquerda não eram muito diferentes dos petistas, nós bem sabíamos disso, e daí a pressão que você mantinha sobre FHC constantemente colocando em dúvida a convicção dele, divertindo-se com o desconforto dos tucanos em geral, quando eram chamados de neoliberais: “acusação francamente exagerada”, era o que você dizia, “a conversão ao liberalismo [de FHC], ainda que sincera, não é completa, ... mas revela que o subdesenvolvimento mental, característica das esquerdas brasileiras, conquanto doença grave e contagiosa, não é incurável”³.

Claro que era brincadeira e servia a um propósito de neutralizar o uso (da designação como neoliberal) como xingamento, transformando-a em um elogio imerecido. Era para ajudar, mas tornava ainda mais confuso o lugar do liberalismo no debate nacional. Uma vez eleito, Lula seguiu seus instintos, e não seus economistas (ele mesmo dizia que eles nunca acertavam nada) e aí mesmo que virou um Carnaval.

Você certamente teria feito uma farra ao ver Lula beijar a cruz, escrever uma carta aos brasileiros cheia de ortodoxias e manter o acordo com o FMI, com superávit primário e tudo o mais, durante todo o seu primeiro mandato, e querer exportar o PROER para os americanos. Era o supremo sincretismo, que me lembra uma de suas frases mais agudas: “O esquerdista é apenas um capitalista canhoto”⁴.

Foi uma época boa, de vento a favor. Ampliaram aquele programa da Dona Ruth, aparentado da ideia do imposto de renda negativo do Milton Friedman, e surfaram uma bela onda de preços de commodities, e com isso, a economia foi bem e o besouro passou a voar como uma gaivota.

Havia um estranho conforto em ter-se um governo de esquerda para praticar políticas que sempre foram as do outro lado: canhotos jogando ping-pong com a outra mão, cautelosos e pragmáticos, e permanentemente a se questionar sobre o que estão fazendo.

Observadores do mundo inteiro, sobretudo na Europa, debruçavam-se sobre este experimento de neoliberalismo trans: havia muito interesse na

³ Apresentação à edição brasileira de P. A. Mendonza et al., *Manual do perfeito idiota latino-americano*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil/Instituto Liberal, 1997, p.12-3.

⁴ De “por que não sou de esquerda ... nem de direita (12/02/1992)” publicado em *Antologia do bom Senso* Rio de Janeiro, Editora Topbooks & BM&F, 1996, p. 102.

construção de um “case” de socialismo com responsabilidade fiscal, ou de neoliberalismo com responsabilidade social, ou mesmo de capitalismo de estado com dinamismo, talvez um conjunto vazio, mas tudo para se contrapor à China e manter dormente a Direita.

Não foi apenas ingenuidade achar que a esquerda tinha melhorado, e que o Brasil ia decolar, o Cristo transformado em foguete, como na capa do *The Economist* de novembro de 2009 (logo depois de termos passado a “marolinha”).

Não era esquisito se pensarmos que a essa altura já tinham se passado alguns anos da “queda do muro”, as coisas estavam pacificadas no plano ideológico: a *Folha de São Paulo* já tinha publicado (em 1993) aquele famoso caderno especial intitulado “Ok, Bob, você venceu”, o Plano Real já estava consolidado, e você já tinha se tornado um tópico de tese da Unicamp (não sei bem se isso era uma homenagem, essas teses não eram propriamente amigas, nem acho que seus autores entendiam do assunto)⁵.

O fato é que funcionou. Foi um milagre.

Isso você sabe bem como é.

E lá estava o Delfim novamente, cochichando nos ouvidos do Lula. O mesmo Delfim. Curiosamente eles se davam bem, unidos talvez pela experiência de desfrutar de um sucesso econômico desproporcional aos seus feitos, por conta do trabalho duro da administração anterior. Um truque velho ruim de não funcionar.

**

O perigo era começar a acreditar que eles estavam ungidos pelos Deuses da Economia, ou que possuíam alguma sabedoria econômica superior, ou que besouros tinham asas de verdade. Mas foi exatamente o que ocorreu quando veio Dilma Rousseff, que não creio que você conheceu.

⁵ Por exemplo, Pedro Hoesper Dacanal “A conversão de Roberto Campos” trata de trazer à luz o acontecimento de sua conversão de Campos, de desenvolvimentista em liberal. Ver também Maria Alejandra Madi, “A vanguarda do pensamento conservador: as ideias econômicas de Roberto Campos” em Tamás Szmrecsányi e Francisco da Silva Coelho. *Ensaio de história do pensamento econômico no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Atlas, 2007 e Ricardo Bielshowsky, *Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

Não vou nem tentar começar a lhe explicar essa figura, teria sido divertido se você pudesse observá-la em ação, mas não se pode perder de vista que foi trágico. Foi como se levássemos à sério, e às últimas consequências, os choques heterodoxos e todas as besteiras da Unicamp. Os resultados econômicos foram catastróficos: menos 3,5% no PIB em dois anos seguidos, nem na Grande Depressão tivemos algo assim.

A experiência talvez possa lhe evocar o governo João Goulart, ou o conceito de *impeachment* por deficiência técnica. No caso de Dilma, todavia, é indiscutível que ela se enrolou com a Lei de Responsabilidade Fiscal (você bem sabe que para o governo federal ter suas contas reprovadas no TCU é preciso ser muito trapalhão) e que mesmo os partidários da tese do “golpe” se sentiram aliviados com o seu afastamento: é muito mais confortável bradar contra o golpismo que defender a teoria econômica de Dilma Rousseff (amiúde designada como a Nova Matriz Macroeconômica).

Mas me permita lhe fazer uma confidência, sou grato (retoricamente, é claro) a ela por ter levado essa heterodoxia ensandecida às antepenúltimas consequências (a Venezuela e a Argentina nos ensinam o que são a últimas e as penúltimas). Estou entre os que acham que o Brasil começou a viver uma espécie de “primavera liberal”⁶, inconcebível nessa nossa terra, você há de convir, sem que algum desaforo muito sério a impulsionasse ...

A percepção do colapso da Nova Matriz quase coincidiu com o ano do seu centenário, 2017, quando já era claro que você tinha se tornado um sucesso na *internet*, acredite se quiser, através de uma ferramenta nova, uma coisa chamada *meme*, e da multiplicação de suas imagens por uma ferramenta chamada *Youtube* (sua aparição no RodaViva em 1997 se tornaria icônica).

Ao menos 3 livros festejaram o seu centenário⁷, e foi como se isso desse a partida para a Primavera. Muito bom, e já sei que você vai dizer, as glórias em vida são muito melhores, e que não há nada de confortável em estar à

⁶ Gustavo H. B. Franco “A primavera liberal” *Interesse Nacional* ano 11 n. 44, janeiro-março de 1 2019.

⁷ Paulo Roberto de Almeida (org.) *O homem que pensou o Brasil: trajetória intelectual de Roberto Campos* Editora Appris, Curitiba, 2017, Ives Gandra da Silva Martins e Paulo Rabello de Castro (orgs.) *Lanterna na proa: Roberto Campos ano 100*, Editora Resistência Cultural, São Luiz, 2017, e Ernesto Lozardo OK, *Roberto, Você venceu: o pensamento econômico de Roberto Campos*, Rio de Janeiro, Topbooks, 2018.

frente de seu tempo, e não ouvir os aplausos de corpo presente. OK, você tem razão, mais uma vez.

Bem, a convergência de ideias econômicas durante a campanha eleitoral de 2018 trouxe muitas ilusões. Nos debates entre os assessores econômicos dos candidatos parecia que todos tínhamos o mesmo programa. O representante do PT sempre falava muito pouco, querendo ser esquecido, e o do Ciro Gomes não conseguia ser lembrado, nem ocupar o terreno intermediário (na verdade, não era o que ele queria, senão o lugar da esquerda, onde ninguém queria estar). E havia candidatos economistas, assessores de si mesmos: seu amigo Paulo Rabello de Castro, inicialmente concorrendo à presidência pelo PSC, depois como vice de Álvaro Dias do PODEMOS, e Henrique Meirelles, acho que o primeiro ex-presidente do BCB a concorrer à Presidência da República, e pelo PMDB.

Um pequeno detalhe: fomos pedir permissão à sua família para dar seu nome à fundação do Partido Novo, mas seu filho Bob, que é filiado ao Novo, nos disse que a família achava que suas ideias estavam espalhadas e entranhadas em muitos partidos, e que seria injusto que só o Novo usasse o seu nome. Perfeitamente compreensível. Uma pena, assim mesmo.

Bem, esta foi a eleição que trouxe Jair Bolsonaro à Presidência e Paulo Guedes para um superministério da economia que compreende cinco outros: Fazenda, Planejamento, Indústria e Comércio, Trabalho e Previdência.

É onde estamos agora, e as coisas não estão muito bem. A lógica dessa união pode ser entendida pelo trecho abaixo (de uma avaliação minha para o novo governo que se iniciava), transcrito com ênfases que não estão no texto original:

O vazio foi ocupado por Jair Bolsonaro, que se apropriou do anti-petismo inclusive por que foi capaz de confrontar o PT várias oitavas além do que os bons modos permitiriam, penetrando profundamente no terreno do grotesco. A partir dessa posição, e diante de perspectivas eleitorais imensas, Bolsonaro foi buscar o seu economista liberal a fim de complementar a sua “oferta eleitoral”.

Não há dúvida que o liberalismo de Paulo Guedes foi um adorno importantíssimo para a campanha de Bolsonaro, e o símbolo do vitorioso **casamento de conveniência** entre o anti-petismo e o liberalismo. No momento em que se desenha o ministério do novo presidente, contudo, o acessório se tornou essencial, um super-ministério, com poderes que

nenhum outro titular da economia jamais desfrutou, e uma filosofia econômica fundamental para o destino da nova presidência.

Ainda que pudéssemos identificar determinações profundas para essa primavera liberal, tudo parece efêmero e acidental, ainda que convicto. Bolsonaro não tinha nenhuma ideia sobre economia, terceirizou o assunto e agora parece refém da eficácia desse programa liberal para lhe assegurar bons números para a economia, aos quais está associado o seu sucesso, ao mesmo tempo em que o liberalismo parece também refém desse presidente polêmico e cheio de idiosincrasias. A dependência mútua é um mero incômodo nesse momento de glória para o candidato recém-eleito, e para os liberais experimentando um inesperado chamado do Destino. Mas pode virar um pesadelo para ambos se a economia não responder.

Pois bem passados oito meses da Presidência Jair Bolsonaro, é difícil alterar esse diagnóstico, a economia não anda especialmente bem e há várias polêmicas em andamento, todas elas têm a ver com o casamento arranjado acima descrito, vale dizer, com a relação entre Jair Bolsonaro e o projeto econômico liberal.

Numa primeira aproximação, o problema de compatibilidade entre Jair Bolsonaro e o projeto liberal está relacionado às expectativas quanto a amplitude da aliança. Se aceitamos a definição de liberalismo de Mario Vargas Llosa, segundo o qual, o liberalismo “não é [apenas] uma receita econômica, mas uma atitude fundada na tolerância, na vontade de coexistir com o outro numa firme defesa da liberdade”⁸, segue-se que o liberalismo teria dificuldade em conviver com o conservadorismo nos costumes e também com a belicosidade que são próprias do bolsonarismo mais radical, para não falar de traços mais caracteristicamente pessoais do Presidente. Conforme observou Marcelo Trindade, “para o liberal autêntico, os pilares da democracia, como a proteção dos indivíduos contra o preconceito e a intolerância, são inegociáveis. Ao imiscuírem-se nos costumes, Estado e políticos reprimem a diversidade e incentivam a exclusão”⁹.

O fato é que não há muito protocolo estabelecido sobre como o liberalismo econômico dialoga com as pautas identitárias ou com a micropolítica deleuzeana (o NOVO, por exemplo, resolveu simplesmente silenciar sobre certos assuntos, uma ótima solução, inclusive por que as pautas macropolítica não se encerraram no Brasil), de modo que não

⁸ Apud Elena Landau “Deixem o liberalismo fora disso” [O Estado de São Paulo](#), 03.08.2019.

⁹ Marcelo Trindade “O desafio liberal” [O Globo](#), 03.08.2019

houve maiores problemas de incompatibilidade nesse terreno, exceto no assunto dos bons modos. Os liberais se aboletaram nos cargos de comando da economia e ali tinham muito o que fazer e não precisavam olhar para os lados, senão para enfrentar uma espécie de “fogo amigo” que vinha de cétricos quanto ao casamento de conveniência se observado do ponto de vista estritamente argentário da noiva, ou seja, se seriam mesmo capazes de comprometer o presidente com as pautas mais polêmicas do projeto liberal, incluindo a reforma da Previdência, a redução do tamanho do Estado e com as privatizações em particular.

Era uma questão objetiva que se resolvia pela entrega, ou pela execução, pouco importando as convicções, a aura, a simpatia, ou se o Presidente, quando parlamentar, votou contra o Plano Real porque, segundo o mesmo, ficaram faltando dois meses de inflação na fórmula de conversão dos salários em URV dos militares¹⁰.

Não há dúvida que há progressos a exhibir, os poderes do ministro Guedes e a passagem da Emenda da Previdência são demonstrações inequívocas da eficácia do casamento (no segundo caso, com uma valiosa ajuda de Rodrigo Maia e Tasso Jereissati). Sobre privatizações, temos apenas as melhores intenções, o que não é pouca coisa. A exigência de amor sincero pareceria descabida diante disso, mas sua falta parece dar ares de artificialismo à construção conjugal e mina sua credibilidade. Dito de outra forma, a mudança de modelo econômico implícita no projeto econômico liberal parece algo profundo demais para ocorrer sem que o Presidente da República ao menos se comprometa expressamente com a mudança, a compreenda, apoie, e, mais que isso, que a lidere.

¹⁰ Na entrevista do então deputado Jair Bolsonaro para o programa Roda Viva no dia 30/07/2018 o entrevistado afirmou que votou contra o Plano Real, explicando tratar-se da Medida Provisória que criou a URV (MP 434, de 28/02/1994) convertida na Lei 8880 de 27 de maio de 1994. O deputado alegou que seu voto foi determinado pelo fato de que a inflação dos meses de janeiro e fevereiro de 1994, totalizando exatos 97%, segundo suas contas, não foi considerada no cálculo da conversão em URV dos salários dos militares. A alegação não procede, conforme pode ser visto pelo texto do artigo 22 da referida lei, que definia a conversão pela média dos vencimentos, soldos e salários dos servidores civis e militares. Só é possível conjecturar sobre os cálculos do entrevistado, que parecem indicar que sua expectativa era um reajuste pelo “pico” quando houve um reajuste pela média.

O problema, todavia, tem sido justamente com as coisas que acontecem fora da bolha onde estão se mantendo os técnicos a consertar a economia. Pode-se até conjecturar sobre a eficácia das reformas econômicas quando a liderança política é percebida como inconsistente com os planos implícitos nas reformas, ou está profundamente distraída por outros temas ainda que considerados banais.

Pense no nosso amigo Paulo Guedes, ou no seu neto na presidência do Banco Central do Brasil, para cuja criação você foi tão importante. Aqui, antes de prosseguir, um parêntese: parabéns pelo neto, é uma coincidência muito feliz que ele seja um profissional tão bem qualificado para a função, com vasta experiência prática, e que esteja (conforme seu discurso de posse) tão afinado com as missões de “construir uma economia de livre mercado”, pensar o “sistema financeiro do futuro” bem como dar continuidade ao bom trabalho de seu antecessor.

Pois bem, como eles (Paulo e Roberto Neto) se sentem quando acordam de manhã e leem sobre seu chefe insultando nas redes sociais a primeira dama da França (numa grotesca imitação da cafajestice cometida por Donald Trump), ou a ex-presidente do Chile? Ou quando o Presidente elogia o Coronel Ulstra, e pontifica sobre as métricas do desmatamento e os mercados desabam?

Nada disso parece interferir diretamente no trabalho deles, mas não venha me dizer que isso não tem importância.

Em episódio recente o próprio ministro Guedes foi duplamente infeliz ao tentar minimizar a controvérsia levantada pelo Presidente sobre a primeira Dama da República Francesa através de um raciocínio pelo qual as falas do Presidente deveriam receber menos atenção posto que se situam num território da frivolidade, diferente daquele, mais elevado, onde se discutem e se decidem as reformas econômicas realmente importantes. O ministro veio a se desculpar, e mais de uma vez, pela “brincadeira”. Sua intenção, segundo Nota Oficial, foi “ilustrar que questões relevantes e urgentes para o país não têm o espaço que deveriam no debate público”¹¹.

Para além do episódio, a tese a ser verificada é sobre a efetiva existência dessa bolha protetora, ou se estão mesmo segregados o projeto

¹¹ Apud “Guedes diz que mulher da Macron ‘é feia mesmo’” O Globo 06.03.2019, p. E22.

econômico liberal e a esfera política, onde atua o Presidente, e que parece capturada pelo efêmero, pelo twitter, e pelo espetáculo e assim em nada afetaria os andamentos econômicos realmente importantes. Vargas Llosa, entre outros, diz que a cultura foi capturada pelo entretenimento, com perda de substância, e a mesma desidratação teria ocorrido na política, sendo esta a porta escancarada pelas redes sociais por onde entraram Trump e outros populistas.

Bem, não creio que valha a pena entrarmos nesses assuntos, não sei se há alguém por aí acompanhando o fenômeno Trump e seus desdobramentos, tudo parece muito novo. Ou não. A pergunta é se o ministro e sua equipe não estarão iludidos sobre a convivência com Jair Bolsonaro?

Você tem muita experiência no assunto de presidentes difíceis de tratar, e junto com você aí em cima, deve estar o alemão Hjalmar Schacht, o herói da estabilização alemã de 1923, talvez quem mais entenda sobre como devem se comportar as autoridades econômicas quando se metem com políticos que não prestam. Por que você não troca uma prosa com ele sobre o que estamos vivendo no Brasil nesses dias?

Apenas para que o leitor tenha claro sobre quem estamos tratando, Schacht acumulou o ministério da Fazenda e a presidência do banco central alemão entre 1933 e 1939, trabalhando para ninguém menos que Adolf Hitler.

Schacht era uma espécie de troféu pra os nazistas, o único elo com a civilização e segundo uma avaliação não especialmente simpática: “A única maneira dele sobreviver a ditadura de Hitler era dar provas constantes que ele era um dos poucos mestres nas artes da economia e uma roldana essencial engrenagem dos planos ambiciosos de Hitler”¹²

Por volta de 1937, conforme o relato de Schacht, o regime nazista vai mostrando mais claramente a sua verdadeira face, e suas desavenças com Goering vão se acumulando e o levam a perder cargos e influência.

Os aliados o encontraram preso em 1945, mas assim o mantiveram, por razões que a ele pareceram inconsistentes com as da primeira prisão. Os homens que alegavam ter combatido Hitler, como Schacht se apresentava, não podiam ser confundidos com os que apoiaram o *Führer*

¹² John Weitz Hitler's banker: Hjalmar Horage Greeley Schacht Boston, Little, Brown and Company Editors, 1997, p. 183.

até o fim, inclusive quando o regime revelou sua face mais hedionda em crimes contra a humanidade ainda não inteiramente conhecidos no momento do término da guerra. De outro lado, os aliados podiam entender que a indisposição de Schacht com o regime era recente. Pesaram bastante os longos anos nos quais o mundo inteiro se acostumou a vê-lo como o Czar econômico do Nazismo e um dos mais poderosos e influentes homens do *Führer*. Muitos perguntavam: até que ponto Schacht era mesmo um inimigo do regime? Não seria um simpatizante que caíra em desgraça apenas por força de alguma intriga, tão comum no alto comando nazista?

O fato é que, com tantas explicações a dar, Schacht permaneceu preso durante vários anos. Dos cárceres nazistas ele migrou para as prisões aliadas até o seu indiciamento como réu em Nuremberg junto com outros potentados do Nazismo e responsáveis pelo Holocausto. Na verdade, Schacht foi um dos 3 réus inocentados no Tribunal de Nuremberg, que condenou à força mais de uma dezena de criminosos de guerra, inclusive seu desafeto Goering. Mas Schacht ainda teria outros dissabores. A nova Alemanha era, então, um poço de revanchismo e ambiguidade quanto aos que participaram do regime anterior. Pela sua notoriedade Schacht era um alvo fácil, pois parecia personificar a adesão da burguesia alemã a Hitler, um retrato do oportunismo e falta de escrúpulos do empresariado alemão, um pecado ainda a merecer a justa punição. Um tribunal de “denazificação” novamente ordenaria sua prisão e o condenaria a uma pena de 8 anos, dos quais se livraria apenas na apelação, em setembro de 1948. Foi este o momento em que escreveu sua famosa autobiografia, um *best seller*, fascinante, comovente e convincente, mas não deixava de soar como uma consolidação de suas diversas peças de defesa usadas nos sucessivos julgamentos nos quais foi réu.

A tradução para o português saiu em 1999, mas sua atualidade parece ainda mais gritante¹³. Do prefácio se lê: “há muitos casos de bons economistas metidos com governos não tão bons, sempre imaginando envolver-se apenas para evitar um mal maior. Foram muitos os exemplos entre nós, mas registre-se apenas um, o do já falecido professor Mário Henrique Simonsen, que sempre repetia que era importante estar ali (no

¹³ O personagem é polêmico, para dizer o mínimo, e há pontos de vistas bem negativos sobre ele. Como em John Weitz *Hitler's banker: Hjalmar Horace Greeley Schacht* Boston, Little, Brown and Company Editors, 1997.

ministério do governo militar) para incutir um pouco de racionalidade a um regime que seria muito pior sem ele, como aliás ficaria claro após a sua substituição em 1979 pelo Ministro Delfim Netto.”¹⁴

Bem, por ora, não creio que nem você, nem o companheiro Schacht recomendariam algum movimento para o ministro Guedes e sobretudo para Roberto Neto. O panorama da inflação é benigno e o BCB pratica o menor juro nominal desde a sua fundação e a tranquilidade no terreno macroeconômico dá mais tempo para assuntos regulatórios e Roberto Neto tem sido particularmente agudo e inovador no que ele próprio designou como a Agenda BC#, a continuação do que Ilan Goldfajn criou como a Agenda BC+. Seu retrato vai ficar bonito na galeria dos ex-presidentes.

Me pergunto em que momento, e em que circunstâncias, você pegaria o telefone, ou uma linha mediúnica, sei lá qual o melhor método de comunicação à sua disposição, e o aconselharia a pular fora e voltar para o mundo privado?

Nenhum de nós é inexperiente nessas coisas. Engolir sapos é mais que parte do jogo, é quase uma obrigação, você foi diplomata de carreira, e sabe bem como é a situação de trabalhar para superiores não exatamente muito preparados. Registro que, depois de muito procurar, não consegui encontrar nenhum comentário negativo seu sobre Costa e Silva, exceto a famosa e imperdível passagem sobre o Guardião da Moeda¹⁵.

Eu mesmo passei por uma experiência curiosa e reveladora nesse terreno, em tempos recentes, jogo aberto entre nós: fui convidado a presidir os conselhos de administração do BNDES e do BNDESPAR, missão muito interessante (o BNDES a todo momento sendo chamado de “caixa-preta” pelo Presidente da República, exatamente como Itamar Franco fazia com

¹⁴ Gustavo H B Franco “Prefácio para “Setenta e seis anos de minha vida” de Hjalmar Schacht” São Paulo, Editora 34. Registre-se que Schacht chegou a acumular a presidência do banco central e do ministério da Fazenda alemão entre 1933 e 1939, mas acabou preso pelos nazistas, pelos aliados e depois pelos tribunais alemães de de-nazificação. Schacht foi um de três réus absolvidos em Nuremberg.

¹⁵ Trata-se do relato, no capítulo 12 de *A Lanterna na Popa*, quando você conta sobre a criação do Banco Central e começa dizendo que “no Brasil, há leis que pegam e leis que não pegam. A que criou o Banco Central não pegou. É que o Banco Central, criado independente, tornou-se depois subserviente. De austero xerife passou a devasso emissor” (p. 669) Em seguida você conta que Costa e Silva, por influência do Delfim, queria trocar todos os dirigentes do BC, mas eles tinham mandatos. Você foi dizer ao general que isso ia pegar mal, pois o BC era o “guardião da moeda”, quando Costa e Silva o interrompeu e exclamou:

- O Guardião da moeda sou eu. (*idem ibidem*)

o Banco Central, e diante de um sério desafio de governança e transparência) e tanto estava disposto a aceitar que submeti meu nome e minha biografia à análise da Casa Civil e pelo Comitê de Elegibilidade do BNDES. Em certa altura, no entanto, quando essas exames já estavam concluídos com a minha aprovação, o convite foi retirado quando o ministro da Educação Abraham Weintraub se opôs a meu nome alegando que: (i) meu pai (falecido em 2001) era sócio de Jorge Paulo Lehman em uma conspiração globalista que dava dinheiro para organizações esquerdistas, inclusive Harvard, e (ii) havia desdenhado de Jair Bolsonaro quando entrevistado no programa Roda Viva (de 27.11.2017)

Quero dizer que a segunda acusação não era de todo improcedente, eu era assessor econômico de João Amoedo, do Partido Novo (ao qual me filiei em 02.10.2017), estava colaborando na campanha, respeitosamente disputando votos no mesmo segmento da opinião pública, mas a primeira acusação era uma tolice daquelas que torna impossível a convivência com o autor do delírio.

Assim sendo não me restou alternativa senão a de declinar, declarando-me implicitamente culpado de ser esquerdista demais para ocupar cargo público na administração Jair Bolsonaro¹⁶. Desisti do convite, mas não do Brasil. Passo à categoria de torcedor, e continuo um apoiador do programa econômico liberal., como tem sido a postura da bancada do Novo, que tem votado maciçamente com o governo nos assuntos das reformas, mesmo desgostando de muito do que o presidente anda falando. Note-se aqui que não há automatismo, ou coligação, tanto que, conforme explicou João Amoedo, o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, deve ser visto como escolha pessoal do Presidente, não uma indicação do Novo.

Mais importante que a minha pequena aventura, todavia, é ter clareza que a opção do presidente, nesse tópico, foi a de *não* se aproximar do

¹⁶ Curiosamente esta mesma conclusão emergiu em uma audiência n Senado quando o ministro Guedes afirmou que os governos que antecederam o de Bolsonaro eram todos de esquerda e “socialdemocratas”. Primeiro a perguntar na audiência pública da Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado com Paulo Guedes, Tasso Jereissati (PSDB) mostrou um certo incômodo com a fala do ministro que tratou o governo de Fernando Henrique Cardoso como “de esquerda”. “Eu queria entender”, disse Tasso, como um governo que tinha na equipe econômica gente como Pedro Malan, Edmar Bacha, Pésio Arida e outros pode ser tratado como de esquerda? “Gustavo Franco é um comunista perigosíssimo”, brincou Tasso em tom de ironia. (Fabio Campos para o Focus <https://www.focus.jor.br/guedes-diz-que-era-fhc-foi-de-esquerda-e-tasso-ironiza-gustavo-franco-e-comunista-perigoso/>)

mainstream. Ou seja, ele optou por não aglomerar o centro político em torno de uma persona mais moderada, mas, pelo contrário, radicalizar sua presidência na direção de seus apoiadores originais mais fanáticos. Como se já estivéssemos em campanha novamente. Ele é quem decide.

Todos os analistas políticos daqui, imagino que também os daí, têm dito que o Presidente parece imitar Trump em focar cada vez mais claramente em seus apoios primais. Ele não vai vir pra o Centro do espectro, não vai mudar, a sombra da eleição já está sobre nós.

É claro que é melhor para o país que Paulo e Roberto Neto permaneçam em seus postos, e que não olhem para os lados, melhor ainda se não houver distrações. Não sei se acredito muito nessa coisa da bolha: já fui membro de uma equipe econômica que exalava autonomia e independência, você também, e ambos sabemos que não é bem assim.

Mas é bom fazer de conta que sim, casamento arranjado é assim mesmo, pois são exatamente como as coalizões políticas, aliás, é disso que se trata. Há fingimentos obrigatórios, aparências precisam ser mantidas a todo custo, mas é preciso cuidado com os exageros.

Não sei como era no seu tempo, na minha época toda essa dinâmica girava em torno da capacidade da equipe econômica colocar na rua um programa de estabilização – que os políticos viam como uma mágica que lhes elevava instantaneamente a popularidade, sobretudo quando tinha congelamento e episódios policialescos. O prazo de validade da equipe era limitado pelo momento em que a mágica era revelada. Éramos fortes dentro do prazo, e totalmente descartáveis no momento seguinte. A Grande Arte aqui – falemos francamente – é manter o trabalho sempre incompleto, criando agendas prolongadas, e convencendo a liderança que a mágica é, na verdade, um longo processo. Nem sempre cola. O fato de ser verdade não quer dizer que será convincente. Os presidentes não gostam de se sentir tutelados, nem mesmo por um imperativo histórico. Nós fomos longe, seguindo esta receita.

Agora é diferente, pois não há mais hiperinflação. As atenções se concentram nos 12 milhões de desempregados. Ficamos mais parecidos com outros países, e com isso fica mais claro, inclusive aos políticos, que não existe mágica, nem mágicos. A vida fica mais difícil para o tecnocrata.

Passei a admirar mais ainda o ministro Guedes e meus outros amigos que estão trabalhando com ele, empurrando pedras morro acima, sobretudo o Secretário de Privatização Salim Mattar, pois têm demonstrado frieza, maturidade e profissionalismo, mesmo diante das situações mais grotescas. Que tenham vida longa, e infinita paciência para estender seu prazo de validade o máximo possível.